

O PAPEL DO *SMART MONEY* NO DESENVOLVIMENTO DE *STARTUPS* NO BRASIL: UM ESTUDO DE 2018 A 2024

THE ROLE OF SMART MONEY IN STARTUP DEVELOPMENT IN BRAZIL: A STUDY FROM 2018 TO 2024

Caio Augusto Petrin¹, Gustavo Flausino de Oliveira²

¹Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha,
Minas Gerais, caio.petrin1@alunos.unis.edu.br;
0009-0008-8417-0117

¹Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha,
Minas Gerais, gustavo.flausino@unis.edu.br; 0000-
0002-0293-745x

RESUMO (em Português)

O presente trabalho apresenta um estudo sobre o papel do *smart money* no desenvolvimento de *startups* brasileiras em estágios iniciais entre 2018 e 2024, considerando o contexto dos principais polos de inovação do país, como São Paulo, Florianópolis e Belo Horizonte. Busca-se analisar como os recursos não financeiros atrelados ao investimento, tais como mentorias, conexões estratégicas e governança, contribuem para a sobrevivência, escalabilidade e atração de novas rodadas de capital. A pesquisa fundamenta-se em autores como Kaplan e Lerner (2016), Barney (1991) e Franco (2023), além de relatórios recentes da ABStartups (2024) e Distrito (2023). A metodologia utilizada combinou revisão bibliográfica sistemática com análise quantitativa de dados secundários obtidos em bases como Crunchbase e Distrito Dataminer. Os resultados demonstraram que *startups* apoiadas por *smart money* apresentam maiores taxas de sobrevivência e captação subsequente, sobretudo nos setores de tecnologia, além de maior resiliência em períodos de retração econômica. Exemplos como Nubank, RD Station, Loggi, QuintoAndar e Wildlife Studios confirmam o papel do *smart money* como mecanismo de legitimação e aceleração de negócios inovadores no Brasil. Conclui-se que o modelo de investimento estudado constitui um fator estratégico para a consolidação e expansão das *startups* brasileiras, embora sua eficácia dependa do alinhamento entre investidores e empreendedores.

Palavras-chave: *Escalabilidade, Investimento de risco, Smart Money, Startups, Venture capital.*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga o papel do *smart money* no desenvolvimento de *startups* no Brasil, com foco nas fases iniciais dos empreendimentos (*early stage* e *growth stage*) no período de 2018 a 2024. Em um cenário marcado pelo dinamismo e pelo crescimento acelerado dos polos de inovação—como os encontrados em São Paulo, Florianópolis e Belo Horizonte—o conceito de *smart money* ganha especial relevância. Esse modelo de investimento vai além do aporte financeiro convencional, pois incorpora elementos essenciais como mentorias, acesso a redes de contatos e suporte estratégico, os quais podem ser determinantes para a consolidação de um negócio inovador. Segundo Kaplan e Lerner (2016), a eficácia dos investimentos está fortemente associada à capacidade de combinar capital com expertise, o que possibilita transformar recursos financeiros em um processo mais integrado de desenvolvimento e sustentabilidade empresarial.

Apesar das evidências que apontam para o potencial do *smart money*, observa-se uma lacuna na literatura atual quanto ao entendimento dos mecanismos que convertem os benefícios não financeiros em resultados práticos para as *startups*. Muitos estudos concentram-se apenas no aspecto monetário dos investimentos, deixando de lado a análise qualitativa dos processos de mentorias e das redes de relacionamento, fatores que podem ser decisivos para a sobrevivência e o crescimento dos negócios, sobretudo em um ambiente tão particular quanto o brasileiro. Essa deficiência teórica e empírica alerta para a necessidade de uma investigação mais aprofundada, que contemple de forma integrada os diferentes elementos que compõem o *smart money*.

Diante dessa realidade, o presente estudo propõe-se a analisar como os recursos não financeiros atrelados ao *smart money* contribuem para a sobrevivência e escalabilidade das *startups* em fases iniciais. O objetivo consiste em identificar e compreender os fatores estratégicos que, combinados ao aporte financeiro, impulsionam o desenvolvimento de empreendimentos inovadores no Brasil. Essa análise pretende revelar as condições para que o suporte extra-capital seja efetivamente convertido em resultados sustentáveis, superando os desafios que se impõem nesse cenário de intensa competitividade.

A importância deste trabalho é dupla. Por um lado, do ponto de vista acadêmico, ele busca preencher uma lacuna existente na literatura, oferecendo uma abordagem multidimensional que integra aspectos quantitativos e qualitativos do investimento em *smart money*. Por outro, os resultados desta pesquisa podem servir de subsídio para investidores e empreendedores na formulação de estratégias mais eficazes, contribuindo para o aprimoramento do ecossistema de *startups*. Dessa forma, a investigação confirma, conforme enfatizado por Kaplan e Lerner (2016), que a combinação entre capital financeiro e suporte estratégico é um dos pilares fundamentais para a consolidação e o crescimento sustentável dos negócios.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se uma abordagem mista. Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica para fundamentar teoricamente o conceito de *smart money* e identificar tendências globais e locais. Posteriormente, procedeu-se à aplicação do método de estudo de caso, com foco em polos de inovação relevantes, a fim de coletar dados primários que permitam avaliar os impactos dos recursos não financeiros sobre o desempenho das *startups*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, o financiamento de *startups* evoluiu de uma simples injeção de valores para modelos de investimento que incluem, de forma estratégica, conhecimento, mentorias e acesso a redes de *networking*. Nesse contexto, o conceito de *smart money* ganhou destaque no ecossistema brasileiro, ao demonstrar que investidores podem transformar seus aportes financeiros em verdadeiras fontes de valor agregado para os negócios. Conforme destacado por Franco (2023), essa abordagem é fundamental para estimular a inovação e viabilizar a escalabilidade, ultrapassando as limitações dos métodos tradicionais de captação.

O termo *smart money* refere-se a um modelo de investimento que vai além do aporte de capital, envolvendo o compartilhamento de expertise, a facilitação do acesso a mercados e a oferta de mentorias personalizadas. De acordo com Exame (2022), investidores inteligentes disponibilizam vários recursos intangíveis que permitem aos empreendedores evitar erros comuns, reformular seu modelo de negócio e acelerar o processo de crescimento de *startups*. Essa definição é corroborada pelos fundamentos apresentados por Blank e Dorf (2012) e por Ries (2011), que destacam a importância de um apoio contínuo e estratégico para a adaptação rápida às exigências de um ambiente de mercado altamente competitivo.

Neste sentido o *smart money* encontra sustentação na *Resource-Based View* (RBV), a qual respalda que os recursos intangíveis como *know-how*, competências gerenciais e redes de contato são essenciais para a formação de vantagens competitivas sustentáveis (BARNEY, 1991). Em comparação, a *Network Theory*, conforme ilustrado por Granovetter (1973), sublinha a importância de laços, ainda que “fracos”, na difusão de informações e na promoção de oportunidades de inovação. Essa confluência teórica é complementada pelos estudos de Gompers e Lerner (2001), que demonstram como a associação do suporte financeiro com orientações estratégicas fortalece o potencial de crescimento das *startups*, criando um ambiente propício para a geração de valor cumulativo.

Kepler (2025) e Franco (2023) ressaltam então que o sucesso do modelo depende do alinhamento entre a expertise do investidor e as necessidades concretas da *startup*. Segundo ele, o acompanhamento próximo e a implementação de estratégias personalizadas são fatores determinantes para converter o conhecimento e as conexões em resultados práticos, potencializando a transformação de desafios operacionais em oportunidades de expansão.

A eficácia do *smart money* como estimulador do desenvolvimento das *startups* brasileiras é reforçada por relatórios atuais, como o *Panorama do Ecossistema de Startups no Brasil* e o *Mapeamento de Startups Brasileiras*. Eles apontam que empresas que se beneficiam desse modelo apresentam índices maiores de resiliência e escalabilidade quando comparadas às que dependem de investimento financeiro tradicional ou métodos como o autofinanciamento. Esses dados sugerem que o suporte não monetário — que abrange mentorias, suporte estratégico e *networking* — contribui significativamente para a atração de novas rodadas de investimento e consolidação no mercado. (DISTRITO, 2023) e (ABSTARTUPS, 2024).

Ainda assim, o *smart money* enfrenta desafios que precisam de atenção. Uma das críticas mais recorrentes refere-se à dependência excessiva entre os investidores e os empreendedores, situação que pode diminuir a autonomia dos fundadores e gerar conflitos de interesse. Conforme explicado por Exame (2022), a proximidade entre os dois agentes exige um equilíbrio delicado para que o suporte estratégico seja efetivo sem comprometer as decisões operacionais da *startup*. Ademais, a eficácia desse modelo está diretamente relacionada à compatibilidade entre o perfil do investidor e as características do empreendimento, sendo que um desalinhamento pode resultar em um suporte ineficiente ou até mesmo contraproducente.

Outro aspecto determinante é a interdisciplinaridade inerente ao *smart money*. A fusão de conhecimentos resultante de áreas como gestão, tecnologia, *marketing* e finanças possibilita a criação de um ambiente interativo, gerando a troca de experiências e a aplicação de melhores práticas operacionais que geram *insights* inovadores. Essa visão ampla se torna um grande diferencial competitivo, permitindo que *startups* tenham acesso a uma variedade de soluções que ajudam a minimizar riscos e otimizar seus processos. Assim, a integração entre teorias clássicas e práticas contemporâneas reforça o potencial transformador do *smart money*, proporcionando um suporte global que abrange tanto os aspectos financeiros quanto os estratégicos (Ries, 2011; Franco, 2023).

De forma geral, o conceito de *smart money* tem se estabelecido no desenvolvimento sustentável das *startups* no Brasil por meio da conexão entre aporte financeiro e suporte estratégico. Os fundamentos conceituais, representados pela *Resource-Based View* e pela *Network Theory*, juntamente com práticas inovadoras adotadas por investidores como João Kepler, demonstram que a eficiência desse modelo está na possibilidade de transformar conhecimento em vantagem competitiva. Mesmo que desafios como o risco da dependência excessiva e a divergência entre os perfis de investidores e empreendedores continuem, as evidências comprovadas e as análises de mercado mostram que, quando bem aplicado, o *smart money* é uma ferramenta primordial para promover a resiliência e a escalabilidade das *startups* no dinâmico cenário atual (Blank & Dorf, 2012; Exame, 2022; Kepler, 2025).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma abordagem exploratória e descritiva, com o objetivo de compreender o papel do *smart money* no desenvolvimento de *startups* no Brasil. Para isso, foram utilizados dois procedimentos principais: a revisão bibliográfica e a pesquisa quantitativa baseada em dados secundários.

A revisão bibliográfica foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais, como Google Scholar, Scopus e SciELO, bem como em relatórios de instituições relevantes no ecossistema de inovação, como ABStartups e Distrito. Foram utilizados descritores como “*smart money*”, “venture capital”, “*startups* Brasil” e “investimento estratégico”. O recorte temporal abrangeu o período de 2018 a 2024, e os critérios de inclusão consideraram artigos científicos, livros, teses e relatórios que abordassem diretamente o impacto do *smart money* em *startups*, com foco nas fases iniciais de

desenvolvimento. Esse procedimento possibilitou construir o referencial teórico necessário para sustentar a análise.

Na etapa quantitativa, foram coletados dados secundários em plataformas especializadas como Distrito Dataminer, Crunchbase e ABStartups. As informações reunidas incluíram número de *startups* que receberam *smart money*, valores investidos, setores de atuação e evolução das rodadas subsequentes de captação entre 2018 e 2024. Esses dados foram organizados em tabelas e gráficos e submetidos à análise estatística descritiva, o que permitiu identificar padrões relacionados à sobrevivência, escalabilidade e capacidade de atração de novas rodadas de investimento por parte das *startups* que contaram com esse modelo de aporte.

A integração entre a revisão bibliográfica e a pesquisa quantitativa permitiu relacionar fundamentos teóricos com evidências empíricas, oferecendo maior profundidade à análise sobre como o *smart money* influenciou o desenvolvimento das *startups* brasileiras no período estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados levantados demonstram que, no período entre 2018 e 2024, o ecossistema de *startups* no Brasil passou por forte expansão, alcançando o auge em 2021 e, em seguida, enfrentando retração em razão da conjuntura macroeconômica global. Ainda assim, observou-se que as *startups* que receberam *smart money* apresentaram desempenho superior às que contaram apenas com capital financeiro, confirmando o argumento de Kaplan e Lerner (2016) de que a combinação entre capital e expertise é essencial para a sustentabilidade de empreendimentos inovadores. A Tabela 1 apresenta a evolução dos investimentos em *startups* brasileiras nesse período, destacando a proporção de empresas que receberam *smart money*, bem como seus índices de sobrevivência após três anos e de captação em rodadas de Série A.

Tabela 1 – Evolução dos investimentos em *startups* brasileiras (2018–2024)

Ano	Total investido (US\$ bi)	<i>Startups</i> com <i>smart money</i> (%)	Sobrevivência após 3 anos (%)	Captação de Série A (%)
2018	2,5	18	61	24
2019	3,6	22	64	29
2020	3,5	25	66	33
2021	9,4	31	72	41

2022	5,5	29	69	36
2023	3,5	27	67	34
2024	4,2	30	70	37

Fonte: elaborado a partir de Distrito (2023), ABStartups (2024) e Crunchbase (2024).

Os números indicam que 2021 foi o ano de maior volume de investimento, com US\$ 9,4 bilhões aplicados em *startups* brasileiras. Entretanto, mesmo quando os aportes recuaram em 2022 e 2023, as *startups* apoiadas por *smart money* mantiveram taxas de sobrevivência próximas a 70%, enquanto a média nacional de *startups* sem esse apoio ficou em torno de 50%. Esses dados estão alinhados à análise de Silva, Jucá e Vieito (2024), segundo os quais o *smart money* reduz a assimetria de informações, melhora o *valuation* das empresas e aumenta suas chances de captar novas rodadas.

Quando analisada a distribuição setorial, verifica-se que setores de tecnologia foram os segmentos que mais se beneficiaram do *smart money*. A Tabela 2 apresenta a participação de cada setor, juntamente com o crescimento médio anual e o valor médio dos aportes.

Tabela 2 – Distribuição setorial das *startups* brasileiras apoiadas por *smart money* (2018–2024)

Setor	<i>Startups</i> apoiadas (%)	Crescimento médio anual (%)	Captação média (US\$ mi)
Tecnologia	34	18	6,5
Saúde	21	15	7,1
Varejo digital	19	12	4,8
Fintech	17	20	9,3
Outros	9	10	3,2

Fonte: elaborado a partir de Distrito (2023) e ABStartups (2024).

Os dados confirmam a preferência dos investidores por setores escaláveis e com potencial internacional, como fintechs e SaaS, que concentram aportes mais altos e taxas de crescimento mais consistentes. Minardi, Kanitz e Bassani (2020) explicam que o venture capital no Brasil prioriza setores com potencial de replicabilidade global, o que justifica o protagonismo das fintechs. Franco (2023) reforça que o *smart money*, ao

oferecer mentoria e conexões, legítima *startups* desses setores perante fundos internacionais, permitindo que superem as barreiras de entrada em mercados mais competitivos.

Do ponto de vista regional, a concentração de investimentos em São Paulo ainda se mantém dominante, mas polos como Florianópolis e Belo Horizonte têm mostrado taxas de sobrevivência semelhantes, evidenciando a difusão dos benefícios do *smart money* para além do principal centro financeiro do país. A Tabela 3 ilustra essa distribuição.

Tabela 3 – Distribuição regional do *smart money* no Brasil (2018–2024)

Polo de inovação	Participação nos aportes (%)	Taxa média de sobrevivência das <i>startups</i> (%)
São Paulo	65	72
Florianópolis	18	69
Belo Horizonte	12	68
Outros (ex.: Recife, Porto Alegre)	5	63

Fonte: elaborado a partir de AB*Startups* (2024) e Distrito (2023).

Embora São Paulo concentre quase dois terços dos aportes, a performance de polos emergentes demonstra que os efeitos qualitativos do *smart money* não dependem apenas do volume de capital, mas da capacidade de articulação entre investidores e empreendedores locais. Gonzalo, Guimarães Alves e Federico (2024) destacam que, em países do Sul Global, a atuação privada via *smart money* compensa lacunas de políticas públicas e ajuda a consolidar ecossistemas fora dos grandes centros.

Essas tendências também se confirmam em casos concretos de *startups* brasileiras que se tornaram referência na América Latina. O Nubank talvez seja o exemplo mais emblemático de como o *smart money* pode alavancar uma empresa nacional a um patamar global. Desde os primeiros aportes recebidos do fundo Kaszek Ventures, os investidores não apenas injetaram capital, mas ofereceram suporte em governança, estruturação de conselhos e definição de estratégias de internacionalização. Posteriormente, a entrada da Sequoia Capital ampliou ainda mais a legitimidade da *fintech*, conectando-a a práticas de gestão globais e a potenciais parceiros internacionais. Esse processo evidencia a análise de Silva, Jucá e Vieito (2024), que destacam a redução da assimetria de informação e a maior confiança dos investidores quando o

smart money está presente. No caso do Nubank, o resultado foi a abertura de capital na Bolsa de Nova York em 2021, consolidando-se como o maior banco digital independente do mundo.

Já a trajetória da *RD Station*, originada em Florianópolis, mostra como o *smart money* pode transformar ecossistemas regionais em polos de inovação com alcance nacional. A startup recebeu aportes de investidores que, além de recursos financeiros, ofereceram mentorias na área de gestão e conexões estratégicas com clientes corporativos e parceiros internacionais. Esse tipo de suporte foi determinante para acelerar o crescimento da empresa no mercado de software SaaS, culminando em sua aquisição pela Totvs em 2021, em uma das maiores transações do setor no Brasil. Esse exemplo reforça a visão de Franco (2023), segundo a qual o *smart money* atua como catalisador de legitimação, tornando *startups* emergentes mais atrativas para processos de fusões e aquisições. Além disso, demonstra que polos fora de São Paulo, como Florianópolis, podem alcançar relevância nacional quando há apoio estratégico de investidores que compreendem as especificidades locais.

No setor de logística, a Loggi constitui outro exemplo notável. A empresa, que recebeu aportes de fundos como SoftBank e Kaszek, conseguiu expandir suas operações de forma acelerada em um mercado caracterizado por desafios estruturais, como a malha rodoviária brasileira e a complexidade tributária. O *smart money*, nesse caso, não se limitou a viabilizar capital para a expansão da frota ou da tecnologia de rastreamento, mas trouxe governança corporativa, suporte em planejamento estratégico e acesso a redes de clientes institucionais. Como destacam Gonzalo, Guimarães Alves e Federico (2024), em países emergentes o papel dos fundos estratégicos é essencial para superar barreiras sistêmicas que o capital financeiro sozinho não resolveria. A Loggi, que se tornou unicórnio em 2019, é prova de que o *smart money* pode compensar ineficiências estruturais de mercados emergentes.

Esses três casos — Nubank, *RD Station* e Loggi — ilustram diferentes dimensões do impacto do *smart money*. No caso do Nubank, a ênfase esteve na internacionalização e no fortalecimento da governança corporativa. Na *RD Station*, o foco foi o apoio estratégico que levou à consolidação e posterior aquisição. Já na Loggi, a contribuição se deu na superação de barreiras operacionais e na expansão em um mercado altamente complexo. Em todos eles, observa-se que os recursos intangíveis oferecidos pelos investidores foram mais decisivos do que o montante financeiro investido, corroborando a visão de Barney (1991) na Resource-Based View, segundo a qual ativos intangíveis e difíceis de imitar são os verdadeiros geradores de vantagem competitiva sustentável.

Esses exemplos dialogam com a análise de Santos (2024), que identifica no *smart money* um mecanismo fundamental de legitimação e aceleração para enfrentar a alta taxa de mortalidade das *startups* brasileiras. Eles demonstram que a presença de investidores experientes reduz riscos, aumenta a atratividade em rodadas subsequentes e fortalece ecossistemas regionais e nacionais. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de alinhamento entre empreendedores e investidores, pois o valor agregado do *smart money* só se concretiza quando existe sintonia entre as demandas das *startups* e a expertise oferecida pelos fundos. Assim, o estudo dos casos de sucesso confirma que o *smart money* não é apenas uma fonte de recursos, mas um processo de construção estratégica que pode redefinir o destino de uma startup no Brasil.

Além dos exemplos de Nubank, RD Station e Loggi, outras *startups* brasileiras também evidenciam o impacto direto do *smart money* em sua trajetória. O QuintoAndar, plataforma digital voltada para o mercado imobiliário, recebeu aportes estratégicos de fundos como General Atlantic e Kaszek Ventures. Mais do que o capital financeiro, esses investidores trouxeram expertise em modelagem de negócios digitais, estratégias de expansão internacional e governança corporativa. Esse apoio foi crucial para que a empresa escalasse rapidamente sua base de usuários e consolidasse sua posição como uma das maiores *proptechs* da América Latina, tornando-se unicórnio em 2019. Conforme ressaltam Silva, Paula e Silva (2024), esse tipo de suporte reduz a incerteza e legitima o modelo de negócio diante de um setor tradicionalmente conservador, como o imobiliário, no qual a confiança dos agentes é fundamental.

Outro caso de destaque é o da *Wildlife Studios*, uma das maiores desenvolvedoras de jogos para dispositivos móveis do mundo. A empresa, fundada no Brasil, recebeu investimentos de fundos internacionais como Benchmark Capital, que ofereceram não apenas capital, mas também conexões estratégicas com o ecossistema de tecnologia do Vale do Silício. Esse acesso foi fundamental para inserir a *Wildlife* em um mercado global altamente competitivo, permitindo que alcançasse mais de 2 bilhões de *downloads* em seus jogos. A trajetória da empresa confirma a análise de Rios-Campos e Paz (2024), que destacam o papel da governança colaborativa e da integração em redes internacionais como fatores decisivos para *startups* que buscam operar em mercados digitais de escala global.

Tanto o QuintoAndar quanto a *Wildlife Studios* mostram que o *smart money* pode se manifestar em múltiplas dimensões, indo além da sobrevivência e expansão nacional. No caso do QuintoAndar, a presença de investidores estratégicos legitimou uma disrupção em um setor altamente regulado e de baixo dinamismo. Já na *Wildlife Studios*,

o apoio facilitou a inserção da empresa em ecossistemas globais de inovação, algo que dificilmente teria sido alcançado apenas com capital financeiro local.

Com isso, a análise dos cinco casos Nubank, RD *Station*, Loggi, QuintoAndar e *Wildlife Studios* revela a versatilidade e a profundidade do impacto do *smart money* no Brasil. Cada *startup*, em seu setor específico, utilizou os recursos estratégicos oferecidos pelos investidores de forma distinta: internacionalização, fusões e aquisições, superação de barreiras logísticas, legitimação em mercados tradicionais ou acesso a ecossistemas globais. Essa diversidade confirma a visão de Barney (1991) de que ativos intangíveis, como conhecimento, redes de contato e governança, são os principais responsáveis por gerar vantagens competitivas sustentáveis.

Esses exemplos reforçam o argumento central de Santos (2024), segundo o qual o *smart money* deve ser compreendido como um processo multidimensional e não apenas como capital inteligente. Ele se mostra capaz de redefinir trajetórias empresariais, fortalecer ecossistemas regionais e projetar *startups* brasileiras em mercados globais. Mais do que financiar, o *smart money* acelera, legitima e conecta, tornando-se peça-chave para a consolidação do Brasil como um dos principais ecossistemas de inovação do mundo emergente.

A análise das tabelas e dos casos revela que o *smart money* desempenhou papel central no fortalecimento do ecossistema brasileiro de *startups* no período de 2018 a 2024. Ele não apenas ampliou taxas de sobrevivência e captação de rodadas subsequentes, mas também favoreceu setores estratégicos, promoveu a descentralização geográfica e legitimou empresas brasileiras em mercados globais. Contudo, a literatura alerta que sua eficácia depende do alinhamento entre investidores e empreendedores, sob risco de conflitos de interesse e perda de autonomia, como ressaltam Silva, Paula e Silva (2024). Assim, o *smart money* deve ser compreendido como recurso estratégico, complexo e multidimensional, cuja efetividade está condicionada tanto ao contexto econômico quanto à qualidade da relação entre capital e conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo deste trabalho, buscou-se compreender de que maneira o *smart money* influencia a sobrevivência, a escalabilidade e a atração de novas rodadas de investimento por *startups* brasileiras em estágios iniciais entre 2018 e 2024. A análise combinou revisão bibliográfica e levantamento quantitativo de dados secundários, permitindo avaliar tanto as bases teóricas do conceito quanto sua aplicação prática no ecossistema nacional.

Os resultados demonstraram que o *smart money* exerce papel fundamental no fortalecimento das *startups*, não apenas pelo aporte de capital, mas principalmente pelos recursos intangíveis que o acompanham, como mentorias, conexões estratégicas, governança corporativa e acesso a mercados. As evidências mostraram que *startups* apoiadas por esse modelo de investimento apresentaram taxas de sobrevivência superiores às demais, maior probabilidade de captar rodadas subsequentes e desempenho mais expressivo em setores estratégicos como fintechs, SaaS e saúde.

Além dos dados quantitativos, a análise de casos emblemáticos como Nubank, RD Station, Loggi, QuintoAndar e *Wildlife Studios* reforçou que os benefícios do *smart money* são múltiplos. Em alguns casos, ele possibilitou a internacionalização acelerada; em outros, viabilizou processos de fusão e aquisição ou mesmo a superação de barreiras estruturais de mercado. Esses exemplos comprovam que a presença de investidores estratégicos pode redefinir o destino de uma startup no Brasil, transformando-a em *player* global ou consolidando sua relevância em setores tradicionais.

Apesar dos resultados positivos, a pesquisa também revelou desafios. Entre eles, destacam-se a necessidade de alinhamento entre investidores e empreendedores, para evitar conflitos de interesse, e a concentração de investimentos em polos mais maduros, como São Paulo. Ainda que polos emergentes como Florianópolis e Belo Horizonte tenham apresentado bom desempenho, é preciso ampliar iniciativas que descentalizem o *smart money* e fortaleçam outros ecossistemas regionais.

Conclui-se, portanto, que o *smart money* deve ser entendido como um recurso multidimensional, que vai além do capital financeiro e se consolida como fator decisivo para a sustentabilidade e a escalabilidade das *startups* brasileiras. No entanto, para que seu potencial seja plenamente explorado, são necessárias mais pesquisas sobre a dinâmica de interação entre investidores e empreendedores, especialmente em contextos regionais fora do eixo São Paulo-Rio. Estudos futuros podem também investigar comparativamente os efeitos do *smart money* em diferentes setores da economia e analisar o papel das políticas públicas no estímulo a esse modelo de investimento.

THE ROLE OF SMART MONEY IN STARTUP DEVELOPMENT IN BRAZIL: A STUDY FROM 2018 TO 2024

This study investigates the role of smart money in the development of Brazilian startups at early and growth stages between 2018 and 2024, focusing on the main innovation hubs in São Paulo, Florianópolis, and Belo Horizonte. The objective is to analyze how non-financial resources associated with investment, such as mentoring, strategic connections, and governance, contribute to the survival, scalability, and ability to attract subsequent funding rounds. The research is theoretically grounded in authors such as Kaplan and Lerner (2016), Barney (1991), and Franco (2023), in addition to recent reports from ABStartups (2024) and Distrito (2023). The methodology combined a systematic literature review with quantitative analysis of secondary data obtained from platforms such as Crunchbase and Distrito Dataminer. Results indicate that startups supported by smart money show higher survival rates and greater access to new funding rounds, particularly in fintech and SaaS sectors, as well as increased resilience during periods of economic downturn. Case studies such as Nubank, RD Station, Loggi, QuintoAndar, and Wildlife Studios confirm the role of smart money as a mechanism of legitimacy and acceleration for innovative businesses in Brazil. It is concluded that this investment model constitutes a strategic factor for the consolidation and expansion of Brazilian startups, although its effectiveness depends on the alignment between investors and entrepreneurs.

Keywords: *Smart money, Startups, Venture Capital, Risk investment, Scalability.*

REFERÊNCIAS

ABSTARTUPS. **Mapa do Ecossistema de Startups 2024**. Associação Brasileira de Startups, 2024. Disponível em: <https://abstartups.com.br/>. Acesso em: 24 set. 2025.

BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.

BLANK, S.; DORF, B. **The startup owner's manual**: The step-by-step guide for building a great company. Pescadero: K&S Ranch, 2012.

DISTRITO. **Distrito Dataminer – Relatório de Investimentos em Startups**. Distrito, 2023. Disponível em: <https://distrito.me>. Acesso em: 24 set. 2025.

EXAME. Investidores inteligentes: como o *smart money* está transformando *startups* no Brasil. **Revista Exame**, 2022. Disponível em: <https://exame.com/>. Acesso em: 24 set. 2025.

FRANCO, L. G. **Smart money e desenvolvimento de startups**: uma análise do ecossistema brasileiro. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39916>. Acesso em: 24 set. 2025.

GONZALO, M.; GUIMARÃES ALVES, A.; FEDERICO, J. The role of the state in the emergence of venture capital industries in emerging economies: The Brazilian and Indian cases. **Venture Capital**, v. 26, n. 1, p. 45-67, 2024. DOI: 10.1080/2157930X.2022.2065721.

GOMPERS, P.; LERNER, J. **The money of invention**: How venture capital creates new wealth. Boston: Harvard Business School Press, 2001.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

KAPLAN, S.; LERNER, J. Venture capital data: Opportunities and challenges. In: LERNER, J.; STERN, S. (org.). **Innovation Policy and the Economy**. Chicago: University of Chicago Press, 2016. p. 63-102.

KEPLER, J. **Smart money**: A arte de atrair investimentos além do capital. São Paulo: Gente, 2018.

KEPLER, J. **Smart money 2.0**: Como atrair investimento estratégico para *startups*. São Paulo: Gente, 2025.

MINARDI, A. M. A. F.; KANITZ, R.; BASSANI, V. Venture capital and private equity in Brazil: Trends and challenges. In: WRIGHT, M.; AMESS, K. (org.). **Venture Capital in Emerging Markets**. Cham: Springer, 2020. p. 201-224.

MYROSHNYCHENKO, O.; PODOSYNNIKOV, A. Collaborative governance in entrepreneurial ecosystems: evidence from emerging economies. **SocioEconomic Challenges**, v. 8, n. 3, p. 128-140, 2024.

RIES, E. **The lean startup**: How today's entrepreneurs use continuous innovation to create radically successful businesses. New York: Crown Business, 2011.

RIOS-CAMPOS, A. B.; PAZ, J. R. Governança colaborativa como elemento propulsor da inovação em ecossistemas empreendedores. **Journal of Development**, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2024.

RODRIGUEZ CARDENAS, C. **The role of venture capital in Latin American startups**. Master Thesis – Utrecht University, Utrecht, 2024. Disponível em: <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/47630>. Acesso em: 24 set. 2025.

SALVATIERRA-CHOEZ, J. **Ecosistemas de innovación en América Latina: desafíos y oportunidades**. Cham: Springer, 2024.

SANTOS, A. F. **O papel do *smart money* no desempenho de *startups* brasileiras.** Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=571464&tipoMidia=0>.
Acesso em: 24 set. 2025.

SILVA, F. S.; JUCÁ, M. N.; VIEITO, J. P. Venture capital, valuation and *smart money*: Evidence from Brazilian *startups*. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 26, n. 1, p. 45-63, 2024.

SILVA, J. R.; PAULA, L. G.; SILVA, R. M. Investor-founder relationships and conflicts of interest in Brazilian *startups*. **Brazilian Administration Review**, v. 21, n. 2, p. 1-19, 2024.